

Contextos para construcionalização: micropassos e paradigmática

Contexts for constructionalization: micro-steps and paradigmization

*Mariangela Rios de Oliveira**
mariangelariosdeoliveira@gmail.com
Universidade Federal Fluminense

*Flávia Saboya da Luz Rosa***
flaviasaboya@gmail.com
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Com base em pressupostos teóricos funcionalistas, na linha de Traugott e Trousdale (2013) e Traugott (2021), aliados à abordagem construcional, como em Goldberg (2006; 2019) e Croft (2001), tratamos dos contextos de uso que motivam mudanças construcionais e construcionalização gramatical. O foco reside na proposta de refinamento dos micropassos de mudança contextual e na integração paradigmática de novas construções na rede linguística, com base em Diewald (2020). A partir de resultados de pesquisa obtidos por Teixeira (2015), Rosa (2019) e Sambrana (2021), assumimos a construcionalização gramatical como um processo histórico, complexo e impactado por pressões de natureza analógica e outras de ordem cognitiva e pragmático-discursiva. Na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tal assunção apresenta-se como um desafio, que requer refinamento teórico e proposição de novas alternativas analíticas.

PALAVRAS-CHAVE: Construcionalização gramatical. Contextos de uso. Mudança linguística. Integração paradigmática.

ABSTRACT: Based on functionalist theoretical assumptions, in line with Traugott and Trousdale (2013) and Traugott (2021), combined with the constructional approach, as in Goldberg (2006; 2019) and Croft (2001), we deal with the contexts of use that motivate constructional changes and constructionalization grammatical. The focus is on the proposal to refine the micro-steps of contextual change and the paradigmatic integration of new constructions in the linguistic network, based on Diewald (2020). From research results obtained by Teixeira (2015), Rosa (2019) and Sambrana (2021), we assume grammatical constructionalization as a historical, complex process impacted by analogical pressures and others of a cognitive and pragmatic-discursive

* Professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e professora visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; pesquisadora do CNPq e da Faperj; líder do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF.

** Pesquisadora, Doutora em Estudos de Linguagem, do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* sediado na Universidade Federal Fluminense (D&G – UFF).

nature. In Usage-Based Linguistics, this assumption presents itself as a challenge, which requires theoretical refinement and the proposition of new analytical alternatives.

KEYWORDS: Grammatical constructionalization. Usage contexts. Linguistic change. Paradigmatic integration.

Introdução

Tal como a linguagem, em termos de sua gradiência e maleabilidade, como destacado em Bybee (2010), teorias e modelos linguísticos são dinâmicos e sujeitos à mudança. A aplicabilidade de fundamentos de ordem teórico-metodológica à pesquisa acaba por levar, naturalmente, à formulação de hipóteses e pressupostos que precisam ser continuamente testados e aprimorados, a partir de novos dados, novos resultados e novas reflexões do analista.

No âmbito do Funcionalismo, conforme Traugott (2021), um dos objetivos de investigação é repensar modelos e teorias, principalmente no que concerne à abordagem construcional da gramática, na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tal como assumida em Rosário e Oliveira (2016), Oliveira e Rosário (2015) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), entre outros. A LFCU, ao compatibilizar fundamentos funcionalistas e cognitivistas, estes na linha de Goldberg (1995; 2006; 2019) e Croft (2001), deve continuamente refletir acerca dessa compatibilização, testando-a como ferramenta de trabalho. Um dos objetivos do refinamento aludido é a manutenção do foco funcionalista nos usos linguísticos, nos contextos de interação em que se forjam padrões convencionalizados de dizer. Esse é o traço marcante e identitário de pesquisa em Funcionalismo, como destacado em Rosário e Oliveira (2021).

Com base em tais considerações, nossa meta aqui é a de contribuir para o refinamento de pressupostos da LFCU, mais especificamente em termos dos micropassos da mudança construcional rumo à formação de novas construções na língua e de sua provável inserção em paradigma gramatical. Para tanto, nos baseamos em resultados de pesquisas sobre marcadores discursivos (MD) desenvolvidas no contexto do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF¹, como os obtidos por Teixeira (2015), Rosa (2019) e Sambrana (2021). Assumimos que tais achados de investigação, na testagem de hipóteses de trabalho, não são somente

¹ Informações do grupo são disponibilizadas no site <http://deg.uff.br/>

relevantes como evidências empíricas, mas se constituem como pontos a partir dos quais é possível repensar e reelaborar os referidos pressupostos.

Para tanto, dividimos este artigo em três seções. Na primeira, nos voltamos para a construcionalização gramatical, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Traugott (2021), com destaque para a complexidade de que se reveste esse tipo de mudança linguística e para a consequente necessidade de a pesquisa em LFCU considerar tal condição. A seguir, nos dedicamos aos contextos de uso, como lócus em que ocorrem os chamados *micropassos* que conduzem à convencionalização de novos pareamentos de conteúdo² e forma na língua; assumimos que o *cline* contextual, com proposto por Diewald e Smirnova (2012), é passível de maior refinamento, como demonstrado em Rosa (2019). Na terceira seção, levando em conta a proposta de Diewald (2020) e as considerações de Traugott (2021), abordamos a inserção paradigmática de construções gramaticais no *constructicon*³, na consideração de que paradigmas podem e devem ser tomados como um tipo de hiperconstrução na LFCU, a ser ampliada e diversificada por intermédio de mudanças pós-construcionalização. Por fim, listamos e discutimos problemas de pesquisa nessa área em relação às questões abordadas no artigo, com base na consideração de que se trata de novos desafios, motivando a busca e testagem de alternativas adequadas e coerentes para seu enfrentamento, o que também tende a concorrer para o refinamento dos pressupostos na área.

1 A complexidade da construcionalização gramatical

Um dos temas mais caros aos estudos funcionalistas, que continua em pauta na LFCU, é o atinente à mudança linguística. De acordo com Bybee (2015), esse foco analítico nos ajuda a explicar os padrões da estrutura gramatical, bem como compreender como tais padrões surgem, se fixam e se alteram nos sistemas linguísticos. Conforme a autora, os processos cognitivos que são acionados quando falante e ouvinte se comunicam, como categorização, analogização, *chunking*⁴,

² Como Rosa (2019), optamos por esse rótulo, que em LFCU também é nomeado como *sentido*, *significado* ou *função*.

³ Termo adotado na referência ao conjunto estruturado, hierarquizado e interconectado de construções de uma dada língua.

⁴ Trata-se do agrupamento de unidades menores que formam unidades maiores, mais complexas e mais vinculadas, em termos de conteúdo e forma; a frequência de uso concorre para o incremento desse processo, conforme preconiza Bybee (2010).

memorização enriquecida⁵ e associação transmodal, são as principais causas da mudança, o que explica por que as línguas, de modo geral, mudam de maneira semelhante. Na pesquisa de orientação funcionalista, portanto, a mudança linguística é considerada tanto como parte integrante da língua quanto como consequência natural do próprio uso linguístico.

De acordo com a abordagem construcional que marca a pesquisa em LFCU, a língua (ou o *constructicon*) é concebida como o inventário de todas as construções, sendo estas definidas como pareamentos simbólicos de conteúdo e forma (GOLDBERG, 1995; 2006; 2019; CROFT, 2001). Diante de tais suposições, cabe à LFCU se perguntar como são forjados tais pareamentos, que fatores de ordem estrutural, contextual e cognitiva são mobilizados para a vinculação semântico-sintática dos pares referidos e sua convencionalização.

A resposta a tais indagações reside na própria definição de *construcionalização*, elaborada por Traugott e Trousdale (2013) e reelaborada por Traugott (2021). Conforme sua versão mais recente, entendemos a construcionalização como o estabelecimento de uma nova associação simbólica de conteúdo e forma que foi replicada em uma rede de usuários da língua, resultante de generalização compartilhada sobre constructos, ou seja, sobre *tokens*, como dados de uso linguístico. Como podemos observar, essa definição destaca não só o resultado como também o processo de convencionalização que deriva na nova construção. Essa trajetória histórica de mudança pressupõe disseminação gradual de micropassos entre os membros da comunidade linguística.

Micropassos são considerados genericamente como neoanálises, ou seja, como novas e inaugurais interpretações, ao nível do conteúdo ou da forma, processadas pelos interlocutores em suas interações cotidianas. Nesse sentido, micropassos são mudanças construcionais, ou seja, modulações de usos contextuais, em etapas anteriores ou posteriores à construcionalização, sem, contudo, formar nova construção, nos termos de Traugott (2021). Ainda conforme a autora, essas modulações ocorrem ao nível da forma ou do conteúdo, envolvendo, respectivamente, metonimização (no eixo da cadeia sintagmática) ou metaforização (no eixo da derivação de sentido). Tais modulações levam em conta tanto a dimensão dos

⁵ Adotamos *memorização enriquecida* no lugar de *memória enriquecida*, tradução literal de *rich memory* (BYBEE, 2010), uma vez que se trata de um processo, em consonância com os demais, como *categorização* e *associação transmodal*, referidos pela autora.

contextos de uso individuais, que concorrem para a inovação e a expansão das novas formas de expressão, quanto a dimensão dos contextos de uso comunitário, que são responsáveis pela generalização e provável construcionalização.

Traugott e Trousdale (2013) dividem a construcionalização em dois tipos: a lexical, que cria novos pareamentos de conteúdo mais pleno, correspondentes a membros da classe dos nomes e dos verbos, por exemplo, e a gramatical, relativa ao surgimento de pares de conteúdo mais abstrato e procedural, como os referentes a categorias como modalizadores, conectores e marcadores, entre outros. Nesse sentido, podemos classificar os MD tratados neste artigo, do tipo *vamos lá* e *vem cá* (TEIXEIRA, 2015), *olha lá* (SAMBRANA, 2021) e *espera aí* (ROSA, 2019), objetos a partir dos quais fazemos nossas considerações, como microconstruções complexas, como *types* específicos de natureza procedural.

Um dos resultados de pesquisa obtidos no contexto do D&G – UFF que nos tem chamado a atenção para a complexidade da rota de mudança linguística envolvida na construcionalização de MD formados por verbo e pronome locativo, integrantes do esquema maior [VLoc]_{MD}, é o obtido por Teixeira (2015). Em sua investigação histórica do português, a autora constata que a primeira microconstrução de função MD configurada como [VLoc] é detectada no século XVI, no seguinte fragmento:

(1) CENA VI - AMENTE. CALÍDIO - AM. – *Tu vês a que termo eu sou chegado, segundo as novas que tu d'ua parte e devorante doutra me dais? Cuidei que tinha de ti algũa necessidade; mas pois as cousas assi vão, té a vida me sobeja: procura pola tua.* CAL. -- *VOS outros, mimosos, logo quereis morrer.* AM. -- *Não se ajuntaram embalde tantos males Q um tempo.* CAL. -- *Tam pouca confiança tens em Lucrecia?* AM. -- *Ah, Calidio! Que ah Calidio?* AM. -- *Que esperança tam fraca!* CAL. -- *Queres dizer como de foão.* AM. -- *E de foão e de foão.* CAL. -- *Naquilo tem razão, e mais nesta terra, em que o poerão mui asinha em cantar seciliano, como dizem. **Vem ca**, Amente, seras homem pera me ajudares a um feito?* AM. -- *Em tal desesperação, que posso eu arreçar?* (Teatro, *Estrangeiros*, de Sá de Miranda)

Como podemos observar em (1), *vem cá* surge em contexto dialógico, marcado por relativa tensão no posicionamento dos interlocutores. A certa altura, o personagem Calídio invoca a atenção de Amente, sugerindo a este, de modo persuasivo, que aceite seu convite: *seras homem pera me ajudares a um feito?* Teixeira constata que, dos 26 dados do MD [*vem cá*] em contextos como (1), cinco são levantados no século XVI e um no século XVII; a seguir, a autora registra no século XVII uma instância do MD [*vê lá*]. Ela verifica ainda que tais usos meio esporádicos, porém já

convencionalizados, se generalizam a partir do século XIX, com a fixação do esquema [VLoc]_{MD} no *constructicon* do português.

Ora, se relembrarmos neste ponto a mais recente definição de construcionalização de Traugott (2021), que a considera como o estabelecimento de uma nova associação simbólica de conteúdo e forma que foi replicada em uma rede de usuários da língua, resultante de generalização compartilhada sobre constructos, então podemos dizer que o esquema [VLoc]_{MD}, licenciado a partir do século XVI, se estabelece e convencionaliza no século XIX. Assim orientados, podemos ainda entender que os demais pareamentos de MD forjados segundo a mesma codificação a partir do século XIX, como [sei lá] e [escuta aqui], por exemplo, seriam motivados pelo processo de analogização, via replicação de um modelo já disponível na língua – o esquema [VLoc]_{MD}, com preenchimento de *slots*⁶ por outros elementos. Trata-se de pressões analógicas motivadas pela convencionalização, iniciada no século XVI, do esquema [VLoc]_{MD}, via o *type* [vem cá], e continuada, no século XVII, por [vê lá], em movimento *top-down*.

Porém ocorre que o desenvolvimento de subesquemas desse esquema maior, formados por partes compostas por verbos visuais, como [olha aqui] e [veja lá], de acordo com Oliveira e Sambrana (2020), bem como por verbos refreadores, como [espera lá] e [segura aí], conforme Rosa (2019), demonstram que as mudanças construcionais ocorridas na convencionalização desses pareamentos são mais complexas, motivadas por fatores diversos, para além da analogização. Dentre as motivações que concorrem para a convencionalização desses subesquemas, mencionam-se, conforme destacado em Rosa (2019) e em Sambrana (2021), mecanismos de metaforização e de metonimização. Atuando em conjunto, ambos os mecanismos são responsáveis pela deflagração de abstratizações e ambiguidades semântico-sintáticas, em movimento *bottom-up*.

Assim, por exemplo, de acordo com Sambrana (2021), as bases verbais *olhar* e *ver*, a partir de contextos de uso em que atuam como núcleo de predicado verbal, são tomadas, via micropassos contextuais na trajetória do português, para a formação de MD integrantes do esquema [VLoc]_{MD}. Os sentidos atinentes à percepção visual são redimensionados para sentidos voltados para a regulação interacional, com a

⁶ Rótulo utilizado na referência a posições abertas em construções esquemáticas.

manipulação do espaço atencional idealizado virtualmente, no cumprimento de objetivos sociocomunicativos, tal como em (2):

(2) - *Não o gabe na presença. Recomendo-lhe toda a discrição, Sr. frei Januário. Olhe lá. - Mas é que é verdade o que eu digo. Que lhe pareceram a V. Ex.a aqueles bifés hoje ao almoço?* (CP, XIX)

De acordo com Oliveira e Sambrana (2020) e Sambrana (2021), em (2), a instância da microconstrução [olhe lá] atua em prol da marcação discursiva. Trata-se de um *type* complexo e gramatical, em alto grau de vinculação semântico-sintática entre as subpartes da microconstrução; um *chunk* procedural e intersubjetivo, que invoca o interlocutor, chamando sua atenção para o que declara o locutor.

A força dos mecanismos de metonimização e metaforização, ao lado de processos analógicos, também é constatada por Rosa (2019). Segundo a autora, verbos de semântica interruptiva, como *esperar* e *segurar*, em contextos de uso como núcleo de predicado verbal, por conta de micropassos contextuais a partir de neoanálises ao nível do conteúdo e da forma, se convencionalizam na base do esquema [VLoc]_{MD}, tal como ilustramos em (3):

(3) *A Sr.^a Vanessa Grazziotin: Então, veja V. S.^a, Dr. Prado, eu gostaria muito que nós fizéssemos um bom debate com o senhor, porque o senhor já esteve na comissão. O senhor é professor do Direito, o senhor é de uma área penal, como relata aqui, uma área muito importante. Veja: dizem que a Presidenta cometeu um crime de responsabilidade porque feriu a meta fiscal prevista. Mas, **espera lá**. Meta fiscal é do exercício. (Soa a campainha.) Tem que se medir no final do ano. Disseram isso antes do final do ano e querem incriminá-la, tirando o seu mandato por conta disso. Mas, o que é mais grave: descumprimento de meta fiscal é crime? Qual é a lei? Diga para nós qual é a lei que diz que esse crime deve ser punido com a pena mais rigorosa para um agente público.* (Diário do Senado Federal, 25 ago. 2016).

No fragmento (3), *espera lá* atua em prol da organização textual-interativa. A expressão funciona como um gatilho para o desenvolvimento da alegação da locutora, a parlamentar Vanessa Grazziotin, que expõe posição contrária a uma parte do público que a ouve. *Espera lá* constitui um *chunk* à medida que é fruto do desenvolvimento de relações sequenciais menos composicionais entre o verbo “esperar” e o locativo “lá”. Tal construto constitui um *chunk* de natureza procedural, atuando como marcador discursivo e compondo sequência textual dialógica argumentativa.

Conforme demonstramos nesta seção, a pesquisa da construcionalização, notadamente a de tipo gramatical, deve considerar tanto pressões de ordem analógica, referentes a modelos esquemáticos já disponíveis na língua, como também mecanismos metafóricos e metonímicos, atinentes às motivações de ordem semântica e estrutural dos contextos de uso específico. Trata-se, portanto, da necessidade de um olhar holístico para a mudança linguística, concebida em sua complexidade maior, isto é, envolvendo um somatório de processos em múltiplos níveis, de ordem diversa, desde linguística até cognitiva.

2 Cline contextual para construcionalização

Na pesquisa funcionalista, contextos de uso sempre estiveram em pauta, como destacado em Oliveira (2015). Na LFCU, a situação não é diferente. De acordo com Bergs e Diewald (2009) e Traugott e Trousdale (2013), levar em conta o binômio *contexto – construção* é importante porque: a) relações e pressões contextuais são fundamentais para tratar de construcionalização e de mudança construcional; b) a motivação contextual é distinta na fase pré e pós-construcionalização; c) construções em rede com sentido e forma semelhantes podem ser tomadas como fatores contextuais importantes e servem de modelos ou atratores analógicos; d) o contexto mais amplo de mudanças sistêmicas na língua é um fator importante para entender os usos linguísticos; e) contextos difusos ou críticos podem persistir, convivendo com outros de maior estabilidade ou convencionalização.

Conforme Traugott e Trousdale (2013), concebemos o contexto de forma ampla, envolvendo entorno linguístico, o que inclui sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática, modalidade (escrita/falada), e, às vezes, contextos sociolinguísticos e discursivos. De acordo com os referidos autores, a abordagem construcional deve considerar três aspectos ao tratar da dimensão contextual: relações sintagmáticas, escolhas paradigmáticas e mudanças sistêmicas e mais gerais que impactam nós e *links* da rede linguística no momento do uso.

Se a construcionalização gramatical ocorre via micropassos, a partir de mudanças construcionais, então devemos investigá-la por intermédio de uma taxonomia contextual que considere esse *cline*. Das propostas de gradiência

contextual, que foram elaboradas inicialmente no âmbito da gramaticalização⁷, como as de Heine (2002) e de Diewald e Smirnova (2012), temos trabalhado prioritariamente com a segunda, por conta de seu maior refinamento, em termos da captação de estágios de mudança por micropassos, e de sua adequação à pesquisa da mudança construcional e da construcionalização gramatical.

Nos termos de Diewald e Smirnova (2012), a mudança se inicia em contextos *atípicos*, ou seja, em ambientes marcados por polissemia e inferências ao nível pragmático-discursivo; na sequência, surgem contextos *críticos*, nos quais, para além da ambiguidade semântica inicial, ocorre opacidade estrutural; a seguir, a mudança se consolida no contexto *isolado*, em que o novo uso se diferencia (ou se isola) em relação àquele que lhe serviu de fonte; por fim, as autoras propõem a paradigmáticação, estágio no qual ocorre a inserção do novo item isolado numa específica categoria gramatical da língua. Relacionando as etapas contextuais de Diewald e Smirnova (2012) à abordagem construcional da gramática assumida pela LFCU, podemos considerar contextos atípicos e críticos como correspondentes a mudanças pré-construcionalização, bem como contexto isolado à construcionalização gramatical e vincular a paradigmáticação à etapa pós-construcionalização.

Apresentamos no Quadro 1, traduzido por Rosa (2019), a adaptação da proposta de taxonomia contextual de Diewald e Smirnova (2012) à pesquisa da construção gramatical:

Quadro 1: Tipos de contextos em construcionalização gramatical

Estágio	Contexto	Características	Tipo de construção
I- Precondições da construcionalização gramatical	Atípico	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; composicional
II- Desencadeamento da construcionalização gramatical	Crítico	Opacidade múltipla	Elementos linguísticos extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Isolado	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Elementos linguísticos formal ou

⁷ Mudança linguística pesquisada tradicionalmente no Funcionalismo norte-americano a partir dos anos 70 do século XX, que investiga processos que levam itens lexicais a se tornarem gramaticais ou itens menos gramaticais a mais gramaticais.

			lexicamente abertos
IV- Integração paradigmática	Paradigmatização	Oposições/distinções paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

Fonte: Rosa (2019, p. 70)

No âmbito do D&G – UFF, pesquisas como a de Rosa (2019) têm demonstrado que existe certa insuficiência, no que se refere à taxonomia sumarizada no Quadro 1, em dar conta do *cline* contextual para construcionalização de MD na trajetória do português. Tal situação advém das diversas e múltiplas propriedades dos contextos de uso linguístico, que não se limitam à proposição dos estágios postulados no Quadro 1. Assim, a autora defende o refinamento desses estágios, a partir da assunção de distintos graus em cada um; tal refinamento depende diretamente da microconstrução a ser pesquisada.

Assim orientada, Rosa (2019), na investigação da convencionalização do MD [espera aí], propõe o refinamento dos estágios contextuais referidos no Quadro 1 a partir da detecção de graus em alguns deles, no que a autora nomeia de *nanopassos*. A seguir, ilustramos os contextos atípico e isolado (micropassos), distribuídos em graus (nanopassos) conforme classificados pela autora:

Contexto atípico – grau 1

(4) *Além dessas considerações, estava em sua dignidade não abandonar seu camarada, e único amigo, como não abandonaria o Amigo, o seu cão fiel, que se mantinha em distância, ladrando, à espera de ordem do senhor para agredir. - Si não abre, derruba-se, insistia o inspetor na porta da frente. - Ora! **espera aí**, que essa porta não agüenta um coice meu, disse um apenado; e juntando à palavra a ação, "soltou" o pé na porta, que tombou fragorosamente. Felipe tinha tomado posição convenientemente, com o clavinote engatilhado. Supondo os sitiados que os dois sitiados não resistiriam, e tomando agora o silêncio da casa como covardia, precipitaram-se para a porta em grupo cerrado. Era o que Felipe esperava, e descarregou o clavinote. O grupo rareou; ouviu-se um ai! (Corpus do Português: Maria Dusá, de Lindolfo Rocha, 1980)*

Contexto atípico – grau 2

(5) *Mas, ato contínuo, para evitar mais discussões, cedeu. Deitou o tabaco fora, e bateu com os pés no empedrado, num protesto. - Nunca mais saio contigo, dessa podes tu ficar descansada! - Então - meteu-se o filho, cordato. A mãe de Manuel Marques andava com dificuldade, em virtude dos sapatos altos, que lhe trilhavam um calo, e agarrava-se nervosamente ao braço do marido, gemendo, devagarinho: - **Espera aí**, credo, aí, não vás tão depressa... - Vamos nalgum entêrro... A mulher deitou-lhe uns olhos brancos, furibundos, que*

valiam mais do que tôdas as palavras e insultos. Zê Mourinha, aborrecido, aproximou-se da porta e puxou pela aldraba niquelada, direito como um prego. De dentro, como se já esperassem há muito tempo as visitas, alguém veio abrir. (Corpus do Português: Pedido de Casamento, de Armando Antunes da Silva).

Contexto isolado – grau 1

(7) [...] *alguns ladrõezinhos dos Correios foram apanhados de calça curta. Ladrõezinhos, né? Porque o que eu vi ali foram 3.000l reais. Três quilos de abobrinha. Bom, daí o PT tem que dar a contrapartida. Não tem CPI pro PTB porque não teve pro PT, é uma troca. Não tem. E o que aconteceu com o Roberto Jefferson? Ele começou a ver que estavam batendo muito. E estava ficando sozinho. O PT fazendo papel de vestal. Não, não temos que tergiversar, vamos duro, e tal. Ah, é assim? Então **espera aí!** E entregou o esquemão. Agora, se for procurar de onde vem o dinheiro... O dinheiro não vem da plantação de amendoim da chácara do Lula. Vem dos beneficiários da política econômica. Com o conhecimento do governo federal, são os beneficiários. Carlos Azevedo - Quem são os beneficiários? As empresas internacionais, a proposta de desnacionalização do Brasil, os banqueiros, os exportadores. (Corpus do Português: fala de Roberto Requião).*

Contexto isolado – grau 2

(8) [...] - *porque aí tinha um relacionamento natural - mas quando ela chega pra eles é pra dizer que: êh: minha casa não é boa: que não presta que eu não faço as coisas direito pra eles e não sei o quê cheia de defeito - vige Maria - a barra é pesada viu? - é uma guerra muito séria - pro meus meninos é - problema ((voz baixa)) () Doc. - como vocês vêem o problema da velhice? - ah: **espera aí** - bem: êh: ah: eu não sei eu eu não sei bem não porque - o: tipo de velho que eu tô acostumada a conviver é o velho muito dinâmico minha mae por exemplo anda de ônibus sozinha tem setente e um anos e: bota / enquanto / outro dia ela foi para uma festa de casamento - ah: êh: comigo - enquanto eu tava toda: à vontade ainda estudando sem / em cima da hora ela tava fazendo bob se ajustando [...]. (Corpus do Português: Linguagem Falada, Recife: 279).*

Contexto isolado – grau 3

(9) [...] *mas desde que esses meios de comunicação sejam po-li-ci-a-dos, policiados pelo governo e passem a divulgar coisas válidas, coisas boas, então é muito válido.- ah até onde todo policiamento não seria uma violência? - então você diria você então vai achar que que a liberdade absoluta é que é desejável? – não, pelo contrário, se eu tô me queixando de que, de que... - ah o excesso de liberdade no mundo tá provocando provocando a difusão de tudo que não presta. - **perai** isso não é verdade, isso é besteira, isso é besteira. - não, não sei de nada. Me perguntando tudo é válido sim, não é válido nada, sobretudo a violência. Violência é você fazer comunicar aquilo que não presta. "Olho para o mundo e por isso - isso aí é que é violência - cada vez me sinto mais solitário e aflito ". - não, eu cada vez acredito mais. - não sei não sei pra onde é que nós vamos. (Corpus do Português: Linguagem Falada, Recife: 5).*

Como podemos observar em (4) e (5), Rosa (2019) levanta dois graus, como nanopassos, no estágio de uso contextual atípico de *espera aí*, correspondente a mudanças pré-construcionalização em que se articulam inferências e polissemias. No primeiro dos graus referidos, atinente ao fragmento (4), a instanciamento de *espera aí* configura pedido do locutor a seu interlocutor para que aguarde por alguns instantes e confira a realização da promessa de conseguir derrubar a porta. Nesse contexto de

ocorrência, o elemento *aí* não exerce referência espacial, não há qualquer indício de apontamento locativo e, além disso, o interlocutor já se encontra no local em que o locutor deve realizar a atividade anunciada. Já, em (5), *espera aí* é usado na expressão de um pedido da esposa para seu marido a fim de que este diminua e velocidade da caminhada. Nesse contexto de uso, *espera aí* constitui um pareamento de conteúdo e forma menos transparente do que sua ocorrência no contexto atípico de grau 1, ilustrado em (4), uma vez que, em (5), *espera aí* incide sobre a circunstância da rapidez da atividade de andar, atuando em prol do refreamento de atividade no mundo biossocial. Esses nanopassos do contexto atípico, de acordo com a classificação de Rosa (2019), constituem-se em alterações sutis, distribuídas em graus dentro desse estágio.

O mesmo verificamos a partir dos três graus de nanopassos do estágio de isolamento, exemplificados de (7) a (9). Nessas instâncias de uso, *espera aí* já se encontra convencionalizado na função de MD, porém em níveis distintos de vinculação semântico-sintática entre as subpartes da microconstrução, na expressão de sutilezas funcionais. Assim, em (7), *espera aí* articula sentido de expectativa sobre a declaração subsequente *E entregou o esquemão*; trata-se, segundo Rosa (2019, p. 147), do ponto de chegada de uma trajetória de mudança que parte do contexto atípico de grau 2, como em (5), para o contexto isolado de grau 1, equivalente ao *cline* semântico *indução de refreamento de atividades do mundo biossocial > indução de expectativa sobre a enunciação*. Já em (8) o MD *espera aí* concorre para o refreamento do fluxo discursivo, a fim de que o locutor ganhe tempo para elaborar sua resposta à indagação do interlocutor *como vocês vêem o problema da velhice?*; é relevante a ocorrência das interjeições *áh*, *éh* e de frases como *eu não sei* e *eu não sei bem não*, que atuam como demonstração da tentativa de elaboração opinativa acerca do tema proposto nesse fragmento de texto falado. No exemplo (9), *perai* representa a instância mais avançada de uso (grau 3) em contexto isolado de [*espera aí*]_{MD}; a vinculação semântico-sintática das subpartes verbal e pronominal é tal que chegam a se integrar estruturalmente, na formação de *chunk* de alto grau de convencionalização; *perai* é usado pelo locutor para conter a argumentação do interlocutor, segundo a qual *o excesso de liberdade no mundo está provocando a difusão de tudo o que não presta*, ao mesmo tempo que concorre para marcar sua posição contrária *isso não é verdade, isso é besteira, isso é besteira*.

Consideramos que o refinamento do *cline* contextual apresentado nesta seção, na proposição de nanopassos rumo à construcionalização gramatical, é importante contributo teórico-metodológico para a pesquisa em LFCU. À medida que avançam a descrição e a análise de dados, com base nos contextos de instanciação das construções sob investigação, é possível e mesmo desejável que promovamos a revisão dos fundamentos utilizados, no sentido de ajustá-los para mais e melhor darem conta do foco das pesquisas funcionalistas, foco este voltado para a investigação da língua em situações efetivas de interação, como destacado em Rosário e Oliveira (2021).

3 Paradigma como hiperconstrução

Diewald (2020) destaca a importância da perspectiva paradigmática e defende sua incorporação à abordagem construcionalista. Além disso, propõe uma redefinição, em termos construcionais, da noção tradicional de paradigma, conceituando-o como uma *hiperconstrução*, um tipo de construção distinta e complexa, destacando as especificidades categóricas e não gradientes do significado gramatical. A autora explica que a especificação na hiperconstrução se dá por meio das relações verticais e horizontais intraparadigmáticas. As relações verticais representam a ordem hierárquica dentro de um paradigma, ao passo que as relações horizontais representam as oposições entre células irmãs dentro de uma camada horizontal. Assim, o conteúdo de cada construção em cada célula paradigmática é definido em termos do posicionamento vertical e horizontal na hiperconstrução. Portanto, a hiperconstrução é considerada um conjunto formado por um número definido e ordenado de relações indexadas entre todos os membros, ou células, do paradigma. Para tratar do tema, a linguista alemã baseia-se nos seguintes pressupostos: i) paradigmas são generalizações importantes; ii) paradigmas fazem parte do conhecimento do falante; iii) os paradigmas são forças motivadoras no processo diacrônico de gramaticalização.

Nesse ponto, é relevante destacarmos algumas diferenças terminológicas apresentadas por Diewald (2020). O termo *mudança gramatical* refere-se amplamente a qualquer tipo de mudança linguística, desde que as associações de mudança de forma e conteúdo estejam envolvidas. *Mudança construcional*, por sua vez, é descrita como a alteração exclusivamente relacionada à forma ou ao conteúdo da construção.

A *construcionalização*, entendida como a criação de um novo e inédito pareamento de forma e conteúdo, resulta na adição de um novo signo (a nova construção) ao inventário de signos (*constructicon*) de um idioma. A *gramaticalização*, por outro lado, constitui uma mudança do *status* semiótico da entidade em questão: uma sequência sintagmática específica (isto é, um signo/construção) adquire uma nova função como membro de um paradigma e muda seu *status* semiótico de lexical para gramatical ou de menos para mais gramatical. Sendo assim, tanto a mudança construcional quanto a construcionalização são considerados pré-requisitos para a gramaticalização, mas não se confundem.

A autora realça ainda a distinção feita por Lehmann (2015) entre inovação, renovação e reforço. Segundo o linguista, *inovação* é a criação de um novo paradigma ou de uma nova célula paradigmática, isto é, uma oposição gramatical que não existia antes no idioma; *renovação* refere-se aos casos em que um novo item (uma nova expressão) é recrutado para uma função que já existe; *reforço* é o fortalecimento de uma forma existente mediante o acréscimo de mais material linguístico.

Considerando as pesquisas desenvolvidas por Teixeira (2015), Rosa (2019) e Sambrana (2021) a partir da perspectiva apresentada por Diewald (2020), pode-se dizer que os objetos analisados pelas pesquisadoras supracitadas passaram, em trajetória diacrônica, por mudanças construcionais (alterações de forma ou conteúdo) e construcionalização (surgimento e inserção de novo signo no *constructicon* do português) culminando em gramaticalização, isto é, resultando na mudança do *status* semiótico de lexical para gramatical e integrando-se ao paradigma dos marcadores discursivos. Tal integração paradigmática pode ser inicialmente representada pelo quadro seguinte, cuja estrutura foi adaptada de Diewald e Smirnova (2012, p. 128):

Quadro 2: Recorte representativo do paradigma dos MD formados por VLoc

Rótulo da categoria:	Marcadores discursivos
Características formais:	Verbos seguidos de afixoides ⁸ de origem locativa em vinculação sintática
Função:	Articulação textual-interativa

⁸ *Afixoide* é um constituinte semelhante a um afixo, partilhando propriedades dessa classe, de acordo com a Morfologia Construcional. Na LFCU, afixoides são tomados como subpartes periféricas de construção, com baixa composicionalidade, consequentes de micropassos de mudança linguística.

Exemplos de distinções discursivo-funcionais:	Concessão ⁹	Exortação ¹⁰	Repreensão opinativa ¹¹
Exemplos de membros:	<i>vá lá</i>	<i>vamos lá</i>	<i>escuta aqui, olha aí, vê lá</i>

Fonte: Autoral.

Na pesquisa realizada por Rosa (2019), verifica-se, a partir do séc. XIX, o surgimento de uma microconstrução marcadora discursiva formada por elemento nominal (*alto*¹²) adjacente a um afixoide de origem locativa (*lá*). É constatada, então, a analogização da expressão *alto lá* com algumas características da macroconstrução [VLoc]_{MD} (TEIXEIRA, 2015), por meio do princípio do melhor encaixe (HUDSON, 2010, p. 95). Tal associação ocorre devido a correspondências com *links* de forma (sintática, morfológica, fonológica) e/ou conteúdo (semântico, pragmático, discursivo) (Cf. ROSA, 2019). A entrada de *alto lá* no paradigma dos MD inicialmente formados por [VLoc] se dá de modo marginal, ou seja, em certa medida afastado dos elementos prototípicos da categoria. A inauguração de uma nova subfunção (refreador-argumentativa) em oposição às previamente existentes caracteriza inovação, nos termos de Lehmann (2015), isto é, representa o surgimento de uma nova célula paradigmática. Posteriormente, *alto lá* torna-se base de analogização para o surgimento de outras microconstruções. A mencionada inovação reconfigura o *status* do paradigma, que passa a receber outros membros em função refreador-argumentativa e composição formal indutora, abrangendo não só subpartes verbais como também nominais, por exemplo, *calma aí* e *calma lá*. Desse modo, apresentamos a reconfiguração do paradigma a partir da mencionada inovação:

Quadro 3: Recorte representativo do paradigma dos MD reconfigurado

Rótulo da categoria:	Marcadores discursivos
Características formais:	Elementos indutores seguidos de afixoide de origem locativa em vinculação sintática
Função:	Articulação textual-interativa

⁹ Ato de ceder, abrir mão, permitir ou aceitar algo por tolerância. Ex.: Rock leve, *vá lá*, mas heavy metal é demais pra mim.

¹⁰ Ato de estimular, animar, incutir coragem a alguém. Ex.: *Vamos lá*, pessoal! Quero virar esse jogo!

¹¹ Ato de censurar, advertir, exprimindo opinião sobre algo/alguém. Ex.: *Vê lá*, sua última decisão foi um desastre.

¹² Termo de origem militar utilizado para ordenar a interrupção da marcha da tropa.

Exemplos de distinções discursivo-funcionais:	Refreamento argumentativo ¹³	Concessão	Exortação	Repreensão opinativa
Exemplos de membros:	<i>Alto lá, calma aí/lá, espera aí/lá, segura aí/lá, aguenta aí/lá, para aí</i>	<i>vá lá</i>	<i>vamos lá</i>	<i>escuta aqui, olha aí, vê lá</i>

Fonte: Autoral.

No que se refere à proposta de Diewald (2020) de reconceituar a tradicional noção de paradigma como uma hiperconstrução, apresentamos algumas considerações. Ainda que o conceito de paradigma refira-se à categorização gramatical em termos funcionais, valer-se dos conceitos da abordagem construcionalista para uma nova nomenclatura (hiperconstrução) implicaria, a nosso ver, pensar não só na dimensão do conteúdo dos membros paradigmáticos como também de sua estrutura formal. Sabemos que nem sempre é possível representar formal e abstratamente alguns tipos de construções por conta de sua complexidade, contudo, sob a perspectiva construcional, sugerimos o empenho em fazê-lo quando viável. A seguir, propomos uma representação para o paradigma construcional, ou hiperconstrução, nos termos de Diewald (2020), em que cada uma das células, resultante dos cruzamentos de colunas e linhas, representa uma correspondência de forma e conteúdo. Assim, os tópicos das colunas em ordem descendente representam a macrofunção categorial seguida de suas subfunções, e os tópicos das linhas horizontais, da esquerda para a direita, representam a abstração formal das microconstruções e suas especificações.

Quadro 4: Recorte do paradigma construcional dos MD

Rótulo da categoria: Marcadores discursivos	Macrofunção da categoria: Articulação textual-interativa				
	Subfunção: Refreamento argumentativo	Subfunção: Concessão	Subfunção: Exortação	Subfunção: Repreensão opinativa	Subfunção: Chamamento de atenção ¹⁴
[V]			<i>vai</i>		
			<i>vamos</i>		
[Indut Afix]	[V Afix]	<i>espera aí/lá</i>	<i>vá lá</i>	<i>vai lá</i>	<i>escuta aqui</i>
		<i>aguenta aí/lá</i>		<i>vamos lá</i>	<i>olha aí</i>
		<i>segura aí/lá</i>			<i>vê lá</i>

¹³ Ato de conter a proposição do interlocutor e apoiar o desenvolvimento argumentativo do enunciador. Ex.: Não, *espera lá*, a exposição excessiva ao sol pode causar muitos danos à pele, sobretudo, sem uso de filtro solar.

¹⁴ Ato de alertar para, mostrar, ressaltar. Ex.: *Olha bem*, essa é uma decisão difícil!

		<i>para aí</i>				
	[FN Afix]	<i>alto lá</i>				
		<i>calma aí/lá</i>				
	[V Foc]					<i>olha bem</i>
						<i>olha só</i>

Fonte: Autoral.

A partir do exposto, finalizamos a seção com algumas ponderações acerca da representação paradigmática. Embora haja, de fato, universais linguísticos relacionados às categorias gramaticais, é possível que alguns idiomas apresentem particularidades que careçam de representações paradigmáticas diferenciadas. Em se tratando do paradigma dos marcadores discursivos na língua portuguesa do Brasil, temos observado que tal categorização é passível, nos termos de Lehmann (2015), de inovação (surgimento de novas células, como ocorreu com *alto lá*), renovação (recrutamento de novos itens para funções existentes: *calma aí*, *espera lá* etc.) e reforço (acréscimo de material linguístico: “Vai, Thiago!”¹⁵ > *Vai lá, você consegue!*). Sendo assim, compreendemos que o paradigma dos MD não é tão bem definido e fechado quando comparado a classes gramaticais mais prototípicas, o que fomenta reflexão e discussão sobre a nitidez categorial dos marcadores discursivos.

Considerações finais

Como demonstramos ao longo deste artigo, a construcionalização gramatical põe em destaque os contextos de uso linguístico como lócus motivador de mudanças construcionais que convencionalizam novas construções na língua. Observamos também que neoanálises em tais contextos ocorrem sob forma de micro e nanopassos, destacando a complexidade aí envolvida. Como Diewald (2020), assumimos que a construcionalização gramatical pode ser concebida na perspectiva do paradigma linguístico, em termos de sua inovação, renovação ou reforço.

Na LFCU, os tópicos aqui desenvolvidos sugerem novos problemas e desafios. Um deles é o de lidar com a construcionalização gramatical e sua complexidade, levando em conta micropassos contextuais e pressões analógicas concomitantemente. Outro é levantar e caracterizar os nanopassos contextuais, no

¹⁵ Nos Jogos Olímpicos de 2016, o grito de incentivo “Vai, Thiago!” tornou famosa Rose Vilela, mãe do nadador Thiago Pereira.

âmbito de cada micropasso, refinando as etapas pré-construcionalização, tal como em Rosa (2019). Novo desafio é identificar contextos atípicos e críticos, bem como suas subdivisões (ou nanopassos), como mudanças pré-construcionalização. Precisamos também considerar a reconfiguração do *constructicon* em perspectiva histórica, por conta de realinhamentos de construções em nível vertical, horizontal e mesmo transversal. Nos termos de Diewald e Smirnova (2012), devemos distinguir e delimitar o contexto isolado, como o da efetiva construcionalização gramatical, do contexto paradigmático, quando da inserção da nova construção como elemento categorial da gramática; a respeito dessa questão, também é possível interpretar a inserção paradigmática inicial como entrada marginal, o que motiva considerar recentes construções gramaticais como membros atípicos em sua nova classe. Nessa linha, é possível relacionar a paradigmática, tal como em Diewald (2020), como etapa pós-construcionalização, ampliando o postulado em Traugott e Trousdale (2013) para esta fase, que já previa expansão *host-class*, obsolescência, erosão etc. Por fim, tomando a paradigmática como hiperconstrução, precisamos assumi-la como acima de níveis construcionais mais altos, *stricto sensu*, como macro/mesoconstruções ou esquemas/subesquemas.

De outra parte, as questões referidas apontam alguns encaminhamentos. Um deles, em perspectiva vertical, é trabalhar a construcionalização gramatical levando em conta tanto o processamento *bottom-up*, atinente aos micro e nanopassos contextuais que forjam uma nova microconstrução, quanto o processamento *top-down*, devido a pressões analógicas de esquemas mais altos existentes. Outra alternativa, em perspectiva horizontal, é investir nas relações *associativas* e nas similaridades de sentido que formas não correspondentes podem estabelecer na rede linguística, motivadas por redundância ou extravagância, de acordo com Haspelmath (1999). Para tanto, precisamos assumir o *constructicon*, nos termos da LFCU, como rede dinâmica, que se molda, amplia e reduz, por conta de convencionalizações ocorridas na comunidade linguística, devido a necessidades comunicativas. Nesse sentido, devemos trabalhar na proposta de uma codificação que registre a dinamicidade e a (re)configuração dessa rede na perspectiva da mudança linguística, das “dunas de areia”, nos termos de Bybee (2010), tão cara aos estudos funcionalistas, conforme destacado em Rosário e Oliveira (2021).

Enfim, temos uma vasta, desafiadora e diversificada agenda de pesquisa na LFCU. Partindo de pressupostos teórico-metodológicos fixados no bojo dessa agenda,

os dados empíricos e sua análise têm concorrido para que possamos refinar estes pressupostos, conferindo à pesquisa funcionalista a marca da dinamicidade e da autocrítica.

Referências

BERGS, A.; DIEWALD, G. (eds). *Contexts and constructions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. Paradigms Lost — Paradigms Regained: Paradigms as Hyper-Constructions. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2020, p. 278-315.

DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. at al (eds). *Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, p. 111-131.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013, p. 13-39.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2019.

HASPELMATH, M. Why is grammaticalization irreversible? *Linguistics*, n. 37, 1999, 1043-1068. <https://doi.org/10.1515/ling.37.6.1043>

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p.83-101.

HUDSON, Richard. *An Introduction to Word Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LEHMANN, C. (2015). *Thoughts on Grammaticalization*. 3rd ed. Classics in Linguistics 1. Language Science Press [First edition 1982]. https://doi.org/10.26530/OAPEN_603353.

OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015, p. 22-35.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015.

OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. M. Neanálise e analogização na formação de marcadores discursivos do português. *Estudos de Língua(gem)*, n. 1, v. 18, p. 25-44, 2020. Disponível em <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6126/4944>. Acesso em: 09 set. 2021.

ROSA, F. S. L. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007/5854>. Acesso em: 07 set. 2021.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional: *quo vadis?* In: BISPO, E. B.; SILVA, J. R.; SOUZA, M. M. (orgs). *Pesquisas funcionalistas: da versão clássica à perspectiva centrada no uso – uma homenagem à Maria Angélica Furtado da Cunha*. Natal: Edufrn, 2021, p. 384-429.

SAMBRANA, V. R. M. *Construcionalização de marcadores discursivos formados por “olhar” e “ver” no português*. 173 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2021.

TEIXEIRA, A. C. M. *A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise centrada no uso*. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. *A constructional perspective on language change*. Abralín/EAD. 2021.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido em 04/10/2021

Aceito em 14/02/2022

Publicado em 06/04/2022